

O mundo codificado.

III. Modelos.

Retomarei a distinção entre códigos planos e lineares, desenvolvida nas duas primeiras palestras, e continuarei pondo entre parêntese todos os demais códigos de estrutura diferente. Por certo: tal restrição da consideração do mundo codificado empobrece sobremaneira a visão que dele conseguiremos. Em com-pensação espero que tal visão captará alguns aspectos essenciais, os quais são tão ameaçados de encobertura, si a situação fôr considerada em sua complexidade de desorientadora. Mas devo-lhes a advertência seguinte: os códigos planos e lineares, o mundo imaginário e conceitual, não representam, necessariamente, os métodos mais característicos, pelos quais os homens dão significado à sua vida. A consideração do código gestual, (para citar um único exemplo), revela o quanto é complexa a tarefa dos que procuram orientar-se no mundo codificado.

Com tal ressalva proponho voltar ao resumo da história ocidental sob ponto de vista da dialéctica imagem/conceito que lhes submeti ontem. O propósito de tal volta é recaptar outro aspecto da revolução comunicológica na qual falei na primeira palestra. Em determinado momento da história ocidental, imediatamente anterior à invenção da imprensa, a situação pode ser esquematizada da seguinte maneira: Há tênue camada de alfabetizados; chamemo-la de "clero". Os seus descendentes atuais, a dita "intelligentsia", permitem captar o seu clima existencial, embora o façam de forma decadente. O que caracteriza essa camada não é apenas o pensamento estruturado pelo alfabeto, portanto pensamento processual, historicista, sintetizante, lógico, calculador, aberto à dúvida, em suma: informado por discurso. Essa camada é também caracterizada pelo fato de ela cobrir uniformemente o Ocidente inteiro. Os membros de tal elite de escribas não apenas escrevem a mesma língua, mas também participam de idêntica tradição, isto é empregam idênticos modelos de conhecimento, de vivência e de comportamento. A dificuldade de comunicação entre os membros de tal camada é pois reduzida. Proponho chamar tal situação de "catolicidade".

A camada católica é sustentada por sociedade preferencialmente informada e programada por códigos de imagens. Embora tal sociedade não tenha deixado autênticos descendentes na atualidade, tendo sido inteiramente destruída pela alfabetização e pelos códigos tecno-imaginários, podemos intuir seu clima existencial pelas imagens que dela se conservam. O que caracteriza essa sociedade é o pensamento próprio da superfície codificada, isto é a imaginação cênica, a vivência do tempo circular, em suma a festa, o rito e o mito. Mas isto não é o que surpreende o observador atual, senão a extrema variedade dessa sociedade. Acha-se ela dividida e subdividida em em círculos dialógicos que tendem a se restringir a poucas centenas de participantes, e cada círculo recorre a conjunto de códigos específicos, embora aparentados com os códigos vizinhos. Darei único exemplo, tal como se conserva ainda na memória dos presentes: uma das grandes subdivisões da sociedade sustentadora da elite católica é a Provença, a qual se distingue nitidamente da subdivisão languedociana, catalã, burgunda e genovesa que a cercam. Pois a cultura provençal tem duas partes muito distintas: a alta e a baixa Provença, com língua diferente, estilo arquitectónico diferente, crenças e festas diferentes. A alta Provença, (a terra dos "mas"), é subdividida em multidão de subculturas, à qual a vaucclusiana é um exemplo bom, já que abrigou durante cem anos os papas. A Vaucluse representa verdadeira multidão de subculturas, por exemplo a baseada em vinho, a dos melões, e a dos queijos, para nem falar na da lavanda, e cada cultura tem seus aspectos distintos. A famosa Tarrasca, o dragão do Rona, prevalece em uma única das suas partes. Outra parte é o Luberon, região montanhosa que se distingue por sua forte herança neolítica, os chamadas "bou ries" por exemplo. O luberon, por sua vez, tem duas faces inteiramente diferentes: a face norte, rica em lembranças burgundas, e a sul, rica em lembranças gregas. Na face sul existe um vale, o do Aigues, no qual moro. Esse vale tem cultura própria, e há os que querem distinguir nele duas culturas. E o vale nunca teve mais que 3.000 habitantes. Insisti tanto na variedade da cultura sustentadora do catolicismo, para mostrar o que se perdeu com a vitória do alfabeto. A saber: um método dialógico de dar sentido à vida, restrito a dimensões humanas. Proponho chamar essa parte do mundo codificado prê-imprensa de "cultura" popular" em sentido exato do termo.

Havia feed-back intenso entre a camada católica e a popular, e tal feed-back resultava lentamente na historicização da sociedade toda. Com efeito: o feed-back entre a parte católica e popular do Ocidente era mais intenso que a comunicação entre os vários círculos que perfaziam o povo, o paganismo e paisanismo, as vilas e a vilania. Graças ao feed-back penetravam constantemente informações codificadas em superfície na camada católica, e lhe forneciam modelos de vivência a serem traduzidos em textos. E inversamente penetra-

constantemente modelos de conhecimento e comportamento textuais, (sobretudo do bíblicos), na camada popular, já traduzidos em superfícies pelo clero. Do ponto de vista comunicológico a sociedade ocidental medieval funcionava pois da seguinte forma: a cultura popular fornecia à elite católica os modelos de vivência em códigos planos. Esta os traduzia em códigos lineares, elaborava em sua base modelos de conhecimento e de comportamento, e em seguida retraduzia tais modelos para o código plano, afim de emití-los em direção da vilania. O discurso autoritário do clero estava pois fundamentado sobre um diálogo constante entre elite e povo, entre texto e imagem, diálogo no curso do qual lentamente se esticava a circularidade da imagem em linha do texto. Embora pois a Idade média nos tenha legado duas culturas distintas, a cultura universal e histórica do catolicismo, e a cultura particularista e pré-histórica do povo, ambas revelam, quando analisadas, profunda influência da outra.

Com a invenção da imprensa, isto é: com a possibilidade de stereotipar textos prototípicos, iniciou-se inflação de mensagens lineares, a qual, após a ploretarização do campesinato e portanto a introdução da escola primária e do serviço militar obrigatório, assumia a forma da maré montante de papel impresso, a qual até hoje não deixou de subir, a despeito dos códigos tecno-imaginários que atualmente ameaçam o alfabeto. A brevidade imposta a esta palestra exclui a consideração desse fenômeno fascinante, o qual consiste na alfabetização da burguesia no seu primeiro estágio, e do campesinato transformado em proletariado no segundo estágio, e portanto na radical historização da sociedade ocidental, e, por reflexo, das demais sociedades dominadas pelo Ocidente. Basta dizer que a invenção da imprensa introduziu entre a camada da cultura elitária católica e a da cultura popular paga camada intermediária, codificada em textos lineares como a católica, mas dividida em parcelas fragmentadas como a cultura popular, embora menos fragmentadamente. Tal camada, que proponho chamar "cultura nacional", já que os textos que a programam são codificados em várias línguas convencionadas como sendo "nacionais" após a invenção da imprensa, funcionava como censor introduzido no feed-back dialógico entre a cultura popular e a da elite. É importante notar quão recente e efêmera é a cultura nacional, já que, antes do serviço militar e da escola primária as "nações" eram compostas apenas da burguesia, conseguiram absorver o povo graças à alfabetização apenas durante o século 19 e primeira metade do século 20, e estão se dissolvendo atualmente sob o impacto do código tecno-imaginário e os meios de comunicação de massa. Isto é importante notar, si consideramos quanto sofrimento e quanta miséria a ideia da nação impôs sobre a humanidade.

A situação atual, tal como começa a se delinear após o terremoto da revolução comunicológica, parece, à primeira vista, curiosa inversão da situação medieval pré-imprensa. Há tênua camada elitária, programada textualmente tanto quanto o era seu predecessor clerical, mas desta vez inteiramente anti-católica, já que fragmentada em grupos e grupúsculos dialógicos de difícil comunicação inter-grupal, tanto quanto o era outrora a cultura do povo. Proponho chamar o mundo codificado desta forma a cultura "tecnocrática" ou a "dos especialistas". E a grossa camada que sustenta tal elite, programada imaginariamente tanto quanto o era a sua predecessora popular, passou a ser radicalmente católica, no sentido de universal e cósmicamente uniforme. Proponho chamar o mundo codificado desta forma a "cultura de massa". Mas é claro que a aparente inversão da estrutura comunicológica medieval, a aparente reformulação da dialética: "superfície-linha", reflete transformação complexa que exige atenção um pouco mais detalhada.

Tanto a cultura clerical, quanto a cultura popular, quanto finalmente a cultura nacional, desapareceram ou estão desaparecendo da cena. A cultura clerical desapareceu, porque os códigos lineares se ramificaram em subcódigos progressivamente mais restritos e herméticos, e porque toda tentativa de estabelecer um meta-código que sirva à comunicação universal da elite falhou, seja tal meta-código formal como o é o da matemática ou da lógica, ou seja semântico como o é o da filosofia. Devido a tal fragmentação da comunicação elitária, incentivada ainda mais pelo aparecimento de códigos próprios a memórias cibernéticas, a elite atual é estruturalmente o oposto da elite do clero. A cultura nacional está desaparecendo, porque a sua base é a transcrição alfabética de línguas convencionadas como nacionais, portanto a enciclopédia e a academia de letras. Na medida na qual o alfabeto e a letra estão sendo substituídos pela tecno-imagem fora da elite a cultura nacional está condenada, porque a massa se des-nacionaliza, universaliza, e a elite, a qual continua alfabética, jamais pertenceu a cultura nacional e sempre procurou conservar a sua universalidade. E a cultura popular desapareceu, e suas ruínas foram degradadas em folklóre, primeiro devido a alfabetização do proletariado, e depois devido a substituição do alfabeto pela tecno-imagem. A cena atual é pois nôva.

A fragmentação da elite atual em círculos dialógicos herméticos e dificilmente comunicáveis entre si, o aparecimento de dialetos "idioticos" no sentido etimológico, como o é por exemplo o código da física nuclear ou o da crítica literária, não é a contrapartida da fragmentação da cultura popular da qual citei o vale da Aigues como exemplo. Insisti, talvez excessivamente, no Luberon e no meu vale, precisamente para elaborar tal diferença. Os diálogos nos quais a cultura popular estava fragmentada elaboravam modelos de vivência, e seus códigos imaginários tinham as conotações necessárias para tanto. Por isto os participantes de tais diálogos estavam integrados neles, encontravam neles o significado da sua vida. Os diálogos nos quais a cultura tecnocrática atual está fragmentada elaboram modelos de conhecimento, e seus códigos lineares são altamente denotativos. Por isto os participantes de tais diálogos não estão integrados neles, mas paradoxalmente na cultura da massa, a qual se tornou universal também por abranger inclusive a elite. (O físico nuclear e o crítico literário comem cachorro quente e escutam os Beatles.) De modo que a especialização da elite evita a elitização existencial, e contribui para o clima do absurdo no qual vive.

Em contrapartida, a universalização da massa atual não é a contrapartida da catolicidade elitária medieval, porque tem estrutura comunicológica diferente. O clero era universal, porque dispunha de código, (a língua latina escrita alfabeticamente, e certos símbolos lógicos e cifras), o qual limitava a dificuldade de comunicação entre os membros da elite a um mínimo. A massa atual é universal porque é programada por código tecno-imaginário universal, o qual garante programação uniforme e limita a um mínimo toda comunicação entre os participantes da massa. De modo que a universalidade do clero o capacitou para ser elaborador e emissor de mensagens, (autoridade), enquanto a universalidade da massa a capacita para ser paciente e receptor de mensagens. Em soma: a estrutura do mundo medieval codificado é a do autoritarismo, e a do mundo codificado atual é a do totalitarismo.

De um ponto de vista comunicológico, a estrutura do mundo codificado atual parece impôr o seguinte funcionamento: Modelos de conhecimento são elaborados nos círculos herméticos da tecnocracia em códigos lineares. Tais modelos se multiplicam em progressão geométrica, há muita ultrapassaram em quantidade a capacidade armazenadora de memórias humanas, e são portanto armazenados em memórias artificiais ad hoc elaboradas. Tais modelos podem ser manipulados, nos computadores e nas memórias humanas programadas para tanto, afim de resultarem em modelos de vivência e de comportamento. Especialistas programados para tanto traduzem tais modelos dos códigos lineares em códigos tecno-imaginários, e outros especialistas transmitem tais imagens pelos canais de comunicação de massa em direção da cultura de massa, a qual passa a conhecer e vivenciar o mundo, e a comportar-se de acordo com tais modelos. Como de um lado a quantidade de modelos de conhecimento cresce sem limitação reconhecível, (progresso científico e técnico), e do outro lado não há feed-back entre a cultura da massa e a da elite, (os media de massa são irreversíveis e a massa portanto irresponsável), tal processo de comunicação totalitária tende simultaneamente a progredir e a petrificar-se combinação essa terrificante.

Si considerarmos tal previsão apocalíptica, (a qual, a rigor, já deixou de ser previsão), verificaremos a nova dialética que se estabeleceu entre os códigos lineares e planos, entre conceito e imagem. O conceito serve, atualmente, para a elaboração de conhecimento, o qual serve, por sua vez para a elaboração de modelos de vivência e de comportamento codificados por tecno-imagens. O mundo está se tornando inconcebível, porque a fragmentação dos códigos conceituais impossibilita discurso epistemológico unificante. E está se tornando inimaginável, porque não há feed-back entre imagem e conceito que permita imaginar as várias concepções do mundo que estão sendo elaboradas. Pois isto implica que a elite está alienada do seu próprio produto, da ciência e da técnica, porque não concebe nem imagina o que está fazendo, e que a massa está alienada da sua realidade vivencial, já que se comporta dentro de modelos universais que não dizem respeito à tal realidade. De modo que parece que surgiu novo abismo entre homem e mundo, e que foi da do novo passo para trás no processo da expulsão progressiva dos diversos paraísos. Desta vez parece que o homem está se alienando dos seus próprios conceitos, e a conceituação o ameaça de loucura, como o ameaçava outrora a imaginação, que, em outros termos, o homem está se descobrindo como produtor dos seus próprios conceitos e está portanto sendo expulso do mundo codificado por linhas, é que a tecno-imagem, esse nova mediação entre homem e conceito, ainda não conseguiu lançar ponte sobre tal novo abismo.

Pois tal expulsão do paraíso dos conceitos, tal paranoia que nos ameaça

ça, e a qual se manifesta de um lado nos códigos idioticamente herméticos da especialização, e do outro lado na aparente objetividade das tecno-imagens, portanto na forma do mundo codificado elitário e na forma do mundo codificado da massa, não condena, necessariamente, a sociedade a petrificação progressiva. Embora progresso e petrificação sejam atualmente sinônimos, não o são necessariamente. Para captar as aberturas ainda existentes, é preciso considerar rãidamente o conceito de "modelo", tal como o venho utilizando nesta palestra. A comunicologia distingue, por certo, do ponto de vista estrutural, entre modelos de acôrdo com seu códigos, isto é por exemplo modelos lineares, planos, tridimensionais, diacrônicos, sincrônicos, visuais, auditivos. Mas do ponto de vista semântico distingue ela entre apenas três tipos de modelo: o vivencial, (em linguística aproximadamente a exclamação), o de conhecimento, (em linguística aproximadamente a afirmação), e o do comportamento, (em linguística aproximadamente o imperativo). (Eis uma definição geral de "modelo: um elemento no programa). Pois é intuitivamente óbvio, e deve ter ficado evidente do que falei até agora, que os vários tipos de modelo são traduzíveis um sobre o outro, embora tôda tradução oferece problemas. E é igualmente intuitivamente óbvio que os três tipos semânticos de modelos correspondem; embora indiretamente, a clássica divisão em estética, (vivência), epistemologia, (conhecimento), e ética, (comportamento). Embora a análise comunicológica sugira que tal divisão clássica tende a ignorar a traduzibilidade entre tais categorias. Pois tal consideração leva a análise seguinte:

Atualmente os modelos de conhecimento que nos programam tendem a ser, tôdos, codificados linearmente. O nosso conhecimento tende a ser tôdo do tipo processual, histórico, em suma científico no sentido burgues do termo. Todo outro tipo de conhecimento, codificado por outra estrutura, tende a ser marginalizado ou suprimido. Em oposição, tôdo modelo de vivência e de comportamento, tudo aquilo que outrora era chamado "arte", e tudo aquilo que outrora era chamado "política" ou "valor", tende a ser codificado por tecno-imagens. Existem, ao nível da elite, ainda modelos vivenciais e comportamentais textuais, mas tendem a serem eliminados. E, ao contrário da situação medieval, não são os modelos vivenciais, mas os modelos epistemológicos, que formam a base para a tradução nos dois outros. Em suma: ao nível do conhecimento somos programados a pensarmos historicamente, e ao nível da vivência e do comportamento somos programados pós-historicamente. E isto torna o nosso conhecimento inimaginável, e nossa vivência e nosso comportamento inconcebível.

A abertura está, de acôrdo com tal análise, apressada mas ipso facto reveladora, na possibilidade do estabelecimento de feed-back entre imagem e linha interrompido pela revolução comunicológica recente. Si conseguissemos retraduzir da imagem para o conceito, e depois retornar do conceito para a imagem, se conseguissemos, em outros termos, transformar os meios de comunicação de discursivos em dialógicos, (como o eram na Idade média), poderíamos passar a conceber comportamentos e imaginar conhecimentos. O problema é técnico, (como transformar por exemplo TV e circuito aberto), político, (como impôr aos emissôres que recebam resposta), mas sobretudo de imaginação, (como imaginar os conceitos que se escondem por trás das tecno-imagens). Em outros termos: a situação atual, para ser aberta, exige de nós imaginação iconoclástica, (imaginação que saiba quebrar as tecno-imagens), e imaginação que esteja a altura dos conceitos científicos a serem imaginados. Devemos confessar que até agora não estamos dando prova da capacidade para tanto.

O que acabo dizer pode ser reformaluda assim: a situação atual exige que desenvolvamos não tipo daquela atividade codificadora outrora chamada "arte". Na Idade média autoritária o centro do mundo codificado era o contexto dos modelos de comportamento, (os valores cristãos), dos quais emanavam os modelos de conhecimento e da vivência. Atualmente tal centro é representado pelos modelos de conhecimento, (as informações científicas), dos quais emanam os modelos de comportamento e de vivência em tecno-imagens. O que é exigido de nós é a elaboração de novo centro comunicológico, o dos modelos de vivência em tecno-imagens, dos quais emanem os outros tipos de modelos. Não sei si tal codificação ainda pode ser chamada de "arte", mas pouco imposta. O que importa é, que, já que fomos expulsos do paraíso dos conceitos, já que estamos descobrindo que por trás dos conceitos científicos não está um mundo, mas o homem, consigamos mediar entre o mundo codificado por conceitos e nós mesmos por um novo código de tecno-imagens, que nos desalienê. Pois o desafio de construirmos um novo mundo codificado que faça a mediação entre nós e o mundo codificado por conceitos está no ar, e pode ser ressentido por tôda parte. Que chamemo tal desafio negativamente "crise da ciência", "crise das artes" e "crise da consciencia política", ou que o chamemos positivamente "a imaginação ao poder", o significado é o mesmo: substituir o mundo da elite e da massa por outra estrutura mais apta a digerir a revolução comunicológica a atualidade.